

## SUMÁRIO

Prefácio – Na procura do espírito do povo – Ute Craemer

Introdução – Wanda Ribeiro

I. O indivíduo e a espécie – Marcelo da Veiga Greuel – Rudolf Steiner

II. Reflexões sobre a América Latina

    Condições básicas e perspectivas da Antroposofia na América Latina – Rudolf Lanz

III. O que representamos nós, sul-americanos, perante o movimento antroposófico – Bernardo Kaliks

IV. Reflexões sobre o Brasil – autor desconhecido

V. Aspectos Geográficos

    A formação da Terra Brasileira – Geert Suwelack

    Mamoeiro e Coqueiro – Geert Suwelack

VI. Os animais: O brasileiro e os animais – Werner Rosenfeld

VII. O ciclo do boi – Marli Pereira

    O Bumba-meu-boi – Marli Pereira

VIII. Aspectos humanos: Tipos Dísparos – O Jagunço e o Gaúcho – Euclides da Cunha

IX. Provérbios

X. Biografia – João Guimarães Rosa

    Entrevista de Guimarães Rosa por Günter Lorenz

Bibliografia

## **PREFÁCIO**

### **Na procura do Espírito do Povo**

Durante muitos anos um grupo de pessoas ligadas à Antroposofia viveu com as perguntas:

O que é – do ponto de vista espiritual – o Brasil?

Qual a sua tarefa no contexto mundial?

Quais são as características que diferenciam o povo brasileiro de outros povos?

No intuito de trabalhar essas perguntas formamos um grupo de estudos que teve duas tarefas distintas: primeiro estudamos os povos que afluíram para formar o Brasil, principalmente os índios e africanos, tentando descobrir quais são suas contribuições à cultura brasileira. Procurando uma base antroposófica mais sólida, estudamos o livro *A Missão da Alma dos Povos* que nos proporcionou critérios para uma melhor reflexão sobre o assunto.

A partir de 1994, o grupo começou a coletar e publicar o que já tinha sido pesquisado, e a encorajar e incentivar pessoas a se manifestarem sobre o tema. No fim do livro encontra-se uma relação de assuntos que merecem ser estudados, além de outros.

Os dons, as predisposições, o temperamento de cada povo são como um instrumento específico dentro da orquestra da humanidade. Cada povo, na sua época certa, contribuiu, contribui ou contribuirá com o crescimento e desenvolvimento da cultura da humanidade. Da mesma maneira que cada ser humano abriga dentro de si um ser espiritual, o Eu, que o guia através da vida realizando seu destino, assim também cada povo tem seu guia espiritual, o espírito do povo. Assim como o indivíduo pode se desviar do seu caminho através das forças arimônicas e luciféricas atuantes em sua alma, da mesma maneira o legítimo espírito do povo pode ser desvirtuado por seres maléficos que abusam justamente dos dons do povo para tirá-lo da sua missão mundial.

*Conhece a ti mesmo, conhece teu povo através dos espíritos que atuaram na sua formação e, passando por esse ponto estreito, procura chegar a uma compreensão universal.*

*Este é o nosso grande desafio.*

**Ute Craemer em nome do grupo Pindorama**

**UTE CRAEMER: educadora comunitária Waldorf, fundadora da Associação Comunitária Monte Azul e da Aliança pela Infância no Brasil, autora de vários livros.**

**ILUSTRAÇÃO 1: CAFÉ**

## Introdução

Wanda Ribeiro - Grupo Pindorama - Graduada e licenciada em Ciências Sociais pela USP, membro da Escola Superior de Ciência do Espírito/Sociedade Antroposófica e coordenadora do Grupo Pindorama. Desenvolve diversos trabalhos de pesquisa tendo como fundamentação a cosmovisão antroposófica.

A ciência espiritual antroposófica, desenvolvida por Rudolf Steiner, mostra o ser humano como coautor dos acontecimentos que marcam sua época, tendo a possibilidade de agir sobre os mesmos, modificando-os.

Ainda do ponto de vista da Antroposofia, temos um destino, um carma, no qual está “planejado” o nosso local de nascimento, quem serão nossos pais, nossa família, quais serão os nossos encontros, enfim, o que irá compor a nossa biografia. Ligado a tudo isso está também, e principalmente, o fato de que “...a nossa atual tarefa consiste em desenvolver a alma da consciência... Os diversos povos deste período devem atuar em conjunto para exprimir a alma da consciência. Isso se revela, realmente, em todas as circunstâncias e situações da vida humana.” (Steiner, R., 1993, p.8).

Rudolf Steiner conseguiu reunir esses e outros aspectos de extrema importância tanto para o indivíduo como para a sociedade, para a humanidade de modo geral, no que ele chamou de “Alma dos Povos”.

Em palestra proferida em 1910 em Oslo, Noruega, Steiner já afirmava a importância da chamada “missão das diferentes almas dos povos da humanidade”:

*“os membros de um povo só poderão dar sua contribuição livre e concreta a essa missão comum (que reunirá toda a humanidade), se antes de mais nada, tiverem a compreensão de sua índole étnica, a compreensão do que poderíamos chamar de ‘autocognição da etnia’”.* (STEINER R, 1986, p.10)

Considerando a “tarefa” de desenvolvermos a alma da consciência em nossa época, e que nesta predominam muitas incertezas, preocupações com o futuro do planeta, transformações velozes e sabendo que somos agentes e não meros expectadores, que temos um papel no contexto mundial, cabe-nos perguntar qual é esse papel enquanto nação? Qual a missão do povo brasileiro, dadas as suas características, suas especificidades, sua história singular?

É dentro desse contexto que o Grupo Pindorama se propõe a estudar e caracterizar a “alma do povo” brasileiro, com vistas a responder àquelas principais questões aqui colocadas.

Ainda que algumas vezes nos sintamos impotentes, o fato de sentirmos que estamos todos juntos, no “mesmo barco”, que não é por acaso que formamos um povo habitando um determinado lugar, com determinadas pessoas, de modo singular, nos faz concluir que existe uma razão para tal apesar de não estar explícita. Encontrá-la é uma das tarefas que o Grupo Pindorama se propõe.

## A “Alma do Povo”

Rudolf Steiner caracteriza o que nesse estudo estamos considerando “Alma do Povo”:

*“O que é então que alguns chamam de ‘alma do povo’ e ‘espírito do povo’? Quando muito, reconhece-se nisso uma qualidade comum de tantas e tantas centenas ou milhões de pessoas comprimidas sobre determinado pedaço de terra. Porém difícil é explicar à consciência moderna que algo que vive independente desses milhões de seres humanos comprimidos num pedaço de terra seja coisa real e correspondente ao conceito de ‘espírito de povo’... Para começar, será necessário conseguir aberta e sinceramente acostumar-se à noção da existência de entidades que não se apresentam ao poder de percepção material ordinário e não se expressam na esfera sensorial; habituar-se à noção de que entre as entidades perceptíveis aos sentidos existem outras invisíveis atuando entre os primeiros, da mesma maneira como a entidade humana atua nas mãos e nos dedos. Assim poder-se-á falar do espírito do povo suíço como se fala do espírito de uma pessoa, distinguindo-se esse espírito da pessoa daquilo que se apresenta nos dez dedos; também se deve distinguir o espírito do povo suíço dos milhões de indivíduos que vivem nas montanhas da Suíça, por ser algo diferente e uma entidade, como o é o próprio ser humano. Os indivíduos distinguem-se desse espírito pelo fato de apresentarem ao poder de cognição humana um exterior sensível. O espírito de um povo não oferece algo que pode ser percebido pelo poder de cognição apenas sensória, como o é o ser humano que pode ser visto e percebido pelos órgãos externos; todavia, o espírito do povo é uma entidade real.” (Steiner R., 1986, p.14).*

## A “Missão das Almas dos Povos” e “Povo”

Como um desdobramento natural de nossa busca pela identificação da “alma” do povo brasileiro, o Grupo Pindorama procura, ainda, caracterizar a “missão da alma” desse Povo. Tal tarefa também é empreendida tendo como fundamento os estudos antroposóficos realizados por Rudolf Steiner nesse sentido:

*“Observando os diferentes povos da Terra e escolhendo o exemplo de um ou outro, teremos nas qualidades peculiares, características desses povos, em sua vida e seus hábitos característicos, uma imagem do que podemos entender como a missão dos espíritos dos povos.”*

*“Conhecendo a missão dessas entidades inspiradoras dos povos (os chamados Arcanjos<sup>1</sup>, sabemos o que é povo. Povo são pessoas pertencentes a um mesmo grupo e dirigidas por um Arcanjo.” (idem, p. 19).*

## O Grupo Pindorama e os estudos da “Alma do Povo” brasileiro

---

<sup>1</sup> Os parênteses não são do autor.

O Grupo Pindorama surgiu do impulso de um grupo de pessoas, liderado por Ute Craemer e Marli Pereira<sup>2</sup>, interessadas em estudar a “Alma do povo” brasileiro a partir da cosmovisão antropológica.

O nome Pindorama, escolhido para representar esse Grupo de estudos, é uma “homenagem” aos primeiros habitantes de nosso País.

Pindorama, na língua Tupi-guarani, significa “terra das Palmeiras” e era assim que nossos indígenas denominavam o Brasil antes de seu “descobrimento” pelos portugueses.

A escolha desse nome deve-se a dois motivos: primeiro, pelo fato de existir em nosso país uma grande variedade de palmeiras como dendê, babaçu, carnaúba, coqueiro, entre outras. O segundo motivo se remete a uma tradição Guarani, que considera que a vida na “morada terrena” seja assegurada por cinco palmeiras (Jecupe, K. W., 2001, p.62). Depois de edificado o plano material terreno, os cinco “Seres-trovões, os espíritos co-criadores” têm suas moradas sagradas “marcadas por cinco palmeiras azuis que se erguem nas quatro direções e no centro. A palmeira é um dos seres de grande responsabilidade e poder para a tradição.” (*idem*, p.78).

Segundo Rudolf Steiner, cada região terrestre tem uma ‘aura etérica’. Ele faz uma comparação entre a aura etérica de um ser humano e a aura etérica regional, sendo que a primeira sofre alterações de forma muito mais lenta e *“muda somente à medida que esse indivíduo evolui relativamente sua inteligência, moral e outras qualidades.”* É uma transformação interior. Já as auras etéricas regionais mantêm por tempos prolongados certo matiz básico inalterado, porém *“também sofrem alterações bruscas; e são justamente elas que as distinguem das auras humanas... As auras das várias regiões somente se transformam no decorrer do desenvolvimento da humanidade na Terra, quando um povo abandona seu domicílio, instalando-se numa outra região terrestre. O singular é que de fato a aura etérica sobre certa região não se relaciona unicamente com o que emana do solo, mas em grande escala com o povo que fixara domicílio naquela região.”* (Steiner, R., 1986, p.25).

Como um dos aspectos a ser investigados é a “aura etérica” do Brasil, que é formada “em grande escala” pelo povo que aqui fixou seu domicílio, principiamos nossas análises por aquele povo que já habitavam nosso país antes de seu “descobrimento” pelos portugueses: os “índios”.

---

<sup>2</sup> Ute Craemer: educadora comunitária Waldorf, fundadora da Associação Comunitária MonteAzul e da Aliança pela Infância no Brasil, autora de vários livros. Marli Pereira: historiadora, professora Waldorf e co-fundadora do Pindorama.

## O logo do grupo Pindorama

Ana Maria Marcondes

Qual o significado deste símbolo?

Segundo Kaka Werá, temos aqui representados o mundo e as quatro raças que o formam, sobre a cruz que o sustenta. Nas palavras de Werá, “Nossa origem espiritual esta dentro de um padrão que chamamos de ‘raça vermelha’, que tem um sentido diferente do entendimento de raça que se tem no senso-comum.”

“Os Tupi fazem parte da raça vermelha, não no sentido físico, mas no sentido espiritual. Entendendo raça aqui como um grupo de almas que configuraram um mesmo sistema de costumes, de padrões culturais. Então, nós nos identificamos como ‘povo vermelho’.”

“As outras raças que consideramos são a negra, a branca e a amarela. Embora estejam separadas por cores, não são cores físicas, mas códigos espirituais.”

“Relacionamos essas raças a determinadas forças da natureza e não exatamente à estrutura racial, à cor da pele.”

“Um exemplo: a raça vermelha, para nós, está ligada ao elemento terra. E esse elemento está ligado, por sua vez, ao foco evolutivo, que tem organização de sábios que o focalizam. Aí, por exemplo, a raça amarela, para nós, está ligada ao elemento fogo e não necessariamente aos orientais, mas aos seres que evoluem por essa qualidade de conexão. A raça negra está ligada ao elemento água e a raça branca, ao ar. E, aí, cada uma dessas raças, enquanto conexões com essas forças, têm determinadas sabedorias mais apropriadas para esses campos de evolução. É nesse sentido.”

“A cor vermelha, negra, amarela e branca, são mais códigos sagrados do que necessariamente cor da pele. Uma individualidade passa por todas as cores espiritualmente. Embora passe por todas, tem um ponto de conexão maior. Por exemplo, a raça vermelha se materializou como raça indígena, os povos da terra, porque a conexão daquela raça se agregou mais àquela qualidade de elemento, a terra...”

## I. O INDIVÍDUO E A ESPÉCIE

### **Pensamento sucinto de Marcelo da Veiga Greuel**

*O homem na medida em que adota o ponto de vista do individualismo ético segue em seu agir apenas a si mesmo. O “si mesmo” é em sua essência, no entanto, coincidência autoconsciente com a essência ideal do mundo. O individualismo ético é, nesse sentido, um agir em sintonia com as coisas, pois é um agir que com fantasia moral realiza, o que elas no fundo querem ser, porém, não conseguem por si só. Quem chega a esta visão universal do agir humano supera os limites impostos por sexo, raça, nação, etc. Não se determina em seu agir, a partir das características genéticas que constituem os seus invólucros, mas, ao contrário, expressa o seu querer através dos meios e condições que estes oferecem.*

*Para que um povo ou uma nação possam ter uma missão, é preciso que esta seja idealizada e articulada criativamente pelos indivíduos que constituem o todo. Estes trazem à consciência o que existe como possibilidade cultural na essência do povo a que pertencem. No entanto, cabe ressaltar que nem sempre são bem recebidos por seus contemporâneos dado que expressam tarefas a serem realizadas e que, por conseguinte, questionam indiretamente o que já existe.*

### **ILUSTRAÇÃO2: CASTANHAIS**

**Rudolf Steiner – Capítulo 14 da *Filosofia da Liberdade*, pag. 132 a 134, Antroposófica, 1983**

“A opinião segundo a qual o homem nasce com a aptidão para chegar a ser uma individualidade livre e completa, contida em si mesma, encontra-se aparentemente em contradição com o fato de que aparece como membro de um todo natural: raça, tribo, nação, família, sexo masculino ou feminino, e que age dentro de um todo: Estado, Igreja, etc. Apresenta as características gerais da comunidade a que pertence, e dá aos seus atos um conteúdo determinado pelo lugar que ocupa dentro de uma maioria.

Então é a individualidade ainda possível? Podemos considerar o homem como um todo em si, diante do fato de crescer de um todo e incorporar-se a um todo?

O caráter e as funções do membro de um todo encontram-se determinados por este.

Uma tribo constitui um todo, e os que a ela pertencem apresentam os caracteres determinados pela natureza da tribo. O modo de ser e a atividade de cada indivíduo estão determinados pelo caráter da tribo em questão. Por conseguinte, a fisionomia e a conduta do indivíduo apresentam algo genérico. Se queremos saber por que razão esta ou aquela característica se manifesta no homem, devemos passar do indivíduo à espécie. Esta nos explica por que algo no indivíduo aparece na forma por nós observada.

Mas o homem se emancipou destas características da espécie, posto que estas, devidamente vivenciadas por ele, não restringem sua liberdade, nem devem restringi-la por meio de disposições artificiais. O homem desenvolve qualidades e atividades cuja causa determinante se pode buscar somente nele mesmo. O genérico serve-lhe então

apenas como meio para expressar sua natureza particular; utiliza como base as faculdades que lhe deu a natureza, dando-lhe a forma adequada ao seu próprio ser. Buscamos, em vão, nas leis da espécie, a razão das manifestações desse ser. Trata-se de um indivíduo que só pode ser explicado por si mesmo. Se uma pessoa conseguiu libertar-se do que nela há de genérico se, não obstante, quisermos explicar suas qualidades pelo caráter da espécie, é porque carecemos do órgão que capte o individual.

É impossível compreender completamente um homem se tomamos o conceito da espécie como base para o nosso juízo. A tendência, a julgar baseando-se na espécie, manifesta-se sobretudo ao tratar-se do sexo. O homem julga quase sempre a mulher, e a mulher o homem, demais pelo caráter geral do sexo oposto e muito pelo individual. Na vida prática isto prejudica menos o homem do que a mulher. Se a posição social da mulher é na maioria das vezes tão indigna, é porque em muitos casos em que deveria ser, não está determinada pelas características individuais de cada mulher em particular, mas pelas ideias generalizadas no que se refere às funções naturais e às necessidades da mulher. A atividade do homem na vida está determinada por suas faculdades e inclinações, enquanto que a da mulher estaria condicionada unicamente pelo fato de ser mulher. A mulher deve ser escrava do genérico, da natureza geral feminina. Enquanto for discutido pelos homens se a mulher, "conforme sua disposição natural", é apta para esta ou aquela profissão, a chamada questão feminina não poderá sair do seu estado elementar. Deixe-se que a mulher julgue por si mesma o que pode querer, de acordo com sua natureza. No caso de ser verdade que as mulheres são aptas somente para profissões que hoje em dia se lhes reserva, não há dúvida de que, por si mesmas, dificilmente conseguirão ocupar qualquer outra. Antes de tudo devem poder decidir por si mesmas o que é que corresponde à sua natureza. Aos que temem uma perturbação da nossa estrutura social como resultado do tratamento às mulheres, não como espécimes de seu sexo, mas como indivíduos, responderemos que, uma estrutura social dentro da qual a metade da humanidade se encontra reduzida a uma existência degradante, precisa e muito, de uma reforma<sup>3</sup>.

Aquele que julga os seres humanos segundo as características da espécie, não chega além do ponto em que, precisamente começam a ser seres, cuja atividade se baseia na livre autodeterminação. Aquilo que se encontra aquém deste ponto, pode naturalmente ser objeto de investigação científica. As características da raça, tribo, nação e sexo constituem o objetivo de determinadas ciências. Somente os homens que quisessem viver unicamente como exemplares da espécie poderiam identificar-se com uma imagem geral, resultante de uma consideração científica deste tipo. No entanto nenhuma destas ciências pode alcançar o conteúdo especial do indivíduo em particular. No ponto em que começa a esfera da liberdade do pensar e do agir cessa a determinação do indivíduo segundo as leis da espécie. O conteúdo conceitual que o homem deve ligar com a percepção por meio do pensar, para captar a realidade total, não pode ser fixado

---

<sup>3</sup> Imediatamente depois da publicação do presente livro (1894), foi-me objetado, quanto ao que acontece, que já atualmente a mulher, dentro do caráter genérico do seu sexo, pode dispensar suas energias vitais tão individualmente quanto desejar, com muito mais liberdade que um homem desindividualizado — primeiro pela escola e mais tarde pela guerra e a profissão. Não ignoro que hoje em dia se faz valer ainda mais esta objeção. Entretanto, não retifico o que foi dito, e espero não faltarem leitores que compreendam o quanto esta objeção contraria o conceito de liberdade desenvolvido nestas páginas, e que julguem o que acabo de expor sob um ponto de vista diferente do da desindividualização do homem pela escola e pela profissão.



definitivamente por ninguém, nem transmitido à humanidade de forma acabada. O indivíduo deve conseguir seus conceitos por intuição própria. É impossível deduzir de qualquer conceito próprio à espécie, como deve pensar o indivíduo; é exclusivamente este quem o determina.

Da mesma forma, é impossível determinar pelas características humanas gerais, as metas concretas que o indivíduo pretende propor ao seu querer. Se queremos compreender o indivíduo em particular, devemos penetrar no essencial do mesmo, e não deter-nos em qualidades genéricas. Neste sentido cada homem é um problema, e toda a ciência que se ocupa de pensamentos abstratos e conceitos genéricos, é só uma preparação para o conhecimento que adquirimos quando uma individualidade humana nos comunica seu modo de considerar o mundo, e para aquele que obtemos do conteúdo do seu querer. Cada vez que temos, com relação a um indivíduo, a sensação de nos encontrarmos diante de algo que se emancipou do modo de pensar típico e do querer genérico, devemos deixar de recorrer a todo o conceito elaborado por nós, se é que queremos compreender sua natureza. O conhecimento consiste na combinação do conceito com a percepção por meio do pensar. Com todos os demais objetos, o observador deve adquirir os conceitos por intuição própria. Na compreensão de uma individualidade livre, trata-se unicamente de apreender em nosso espírito, de forma pura, sem a interferência de nossos próprios conceitos, os conceitos com os quais essa individualidade se determina a si mesma. Aqueles que introduzem imediatamente em seu juízo, seus próprios conceitos, cada vez que se trata de julgar outra pessoa, nunca chegarão a compreendê-la. Assim como a individualidade livre se emancipa das peculiaridades da espécie, também o conhecimento deve emancipar-se do modo como compreende o genérico.

Dentro de uma comunidade humana, o homem só é considerado espírito livre na medida em que se tenha emancipado de todo o genérico, da forma indicada. Ninguém é completamente gênero, como tampouco ninguém é completamente individualidade; mas todo o homem emancipa paulatinamente uma parcela maior ou menor de seu ser, tanto do genérico da vida animal, como das leis de autoridades humanas que o dominam.

No tocante àquela parte do seu ser para a qual não se pode conquistar essa liberdade, o homem constitui um membro dentro do organismo da natureza e do espírito. Vive, neste sentido, imitando os demais ou como estes lhe ordenam. Entretanto, um valor ético no verdadeiro sentido da palavra, possui-o somente aquela parte de sua conduta que procede de suas intuições. Os instintos morais que possui por haver herdado instintos sociais, adquirem um valor ético pelo fato de ele os acolher em suas intuições. Toda a atividade moral da humanidade procede de intuições éticas individuais, e de sua aceitação em comunidades humanas. Em outras palavras: a vida moral da humanidade é a soma total dos produtos da fantasia moral dos indivíduos humanos livres.

Este é o resultado do monismo.”

## II. REFLEXÕES SOBRE A AMÉRICA LATINA

### Condições básicas e perspectivas da Antroposofia na América Latina

Rudolf Lanz – palestra proferida aproximadamente em 1988

Rudolf Lanz nasceu em Budapeste, fez doutorado em direito em Genebra e emigrou para o Brasil em 1938. Foi imensa sua contribuição para que a Antroposofia no Brasil se tornasse possível. Foi fundador e professor da primeira Escola Waldorf no Brasil, hoje Escola Rudolf Steiner de São Paulo, foi formador de professores, fundou e coordenou o Ramo Rudolf Steiner, fez dezenas de traduções das obras de Rudolf Steiner para o português, além de escrever livros e dar palestras sobre os mais variados temas da Antroposofia.

Nesta palestra, os senhores vão ouvir muitos fatos e pensamentos e esses fatos e pensamentos não constituirão respostas e soluções, mas sim, perguntas. Perguntas, às vezes chocantes, perguntas que devem trabalhar em cada um de nós, germinando, fermentando, amadurecendo, assentando-se. Perguntas que possivelmente conduzirão agora ou muito mais tarde, a uma síntese, a conclusões e respostas.

Nesta primeira tomada de contato entre nós, a tarefa essencial me parece ser de inventário: Quem somos, onde estamos, quais as condições, interiores e exteriores para o trabalho antroposófico na América Latina? Mais exatamente: quais as circunstâncias para a existência e para o desenvolvimento desse ser espiritual "Antroposofia" do qual todos nós participamos e a qual engendramos num processo constante de criação e de encarnação?

As minhas perguntas serão diversas e talvez mal ordenadas. Não tenho nenhuma pretensão de ser completo. Serão outras tantas pedrinhas de um mosaico, formarão imagens isoladas, aparentemente desconexas. Certamente existe atrás dessas imagens e ideias isoladas, uma imagem global, uma; uma espécie de ideia-mestra mas eu me confesso incapaz, por enquanto, de vislumbrá-la, e muito menos, de expô-la.

Tampouco me sinto capaz de uma interpretação esotérica, oculta de todos os fatos que vou simplesmente expor.

Talvez seja a tarefa de nossos debates em grupo e do trabalho meditativo de cada um chegarmos a realizar a nossa meta mais imediata que é alcançar uma autocompreensão e, a partir dela, uma atitude e uma ação futura; tanto interior como exterior, como homens conscientes e como antropósofos. Acho, aliás, que esse trabalho de conscientização deve ser a característica do nosso trabalho.

Limito-me a fatos, e deixo deliberadamente de lado o aspecto micaélico. Este deve estar subentendido e portanto presente, como aliás, em qualquer trabalho antroposófico. Tudo que pensarmos e dissermos, sempre estará impregnado pelo fato de ser pensado e dito em plena época micaélica, e dentro de um impulso micaélico.

Deixem-me, então, expor-lhes os meus pensamentos e os fatos subjacentes, nus e crus, de acordo com o nosso tema central: *Condições Básicas e Perspectivas da Antroposofia na América Latina*.

Dirigindo a nossa atenção para premissas gerais, uma primeira característica da América Latina me parece ser sua marginalidade: marginalidade geográfica e histórica, e daí,

marginalidade da consciência.

Geograficamente fazemos parte do "Novo Mundo". Isto quer dizer que existe um Velho Mundo que se considera como o autêntico. Durante séculos e milênios, o Velho era o único conhecido. Depois da descoberta, a América era considerada apenas como um apêndice do Velho Mundo que ia da Inglaterra até a Índia e até a China.

O mesmo fenômeno ocorreu na História. É verdade que para as antigas civilizações índias, o nosso continente, ou antes, as regiões limitadas que essas civilizações ocupavam, eram o centro por ser o único conhecido. Mas essas civilizações não penetraram, conscientemente, na formação dos brancos que vieram a construir os impérios coloniais espanhol e luso.

Para estes, as novas terras pertenciam simplesmente aos respectivos soberanos europeus. Eram um prolongamento dos seus reinos. Não tiveram existência própria, nem política nem culturalmente: viviam em função das pátrias. Esse estado de coisas durou até a independência.

Imaginem os senhores o que significa para a mentalidade de um país não ter história própria. Existir apenas em função de uma pátria-mãe longínqua e abstrata. Nenhum dos grandes impulsos da época tinha vida própria em nosso continente, e muito menos qualquer força original: Reforma, Renascimento, Humanismo, Iluminismo, Classicismo, Romantismo; nenhum desses movimentos agitou a América Latina senão por reflexos indiretos, de 2ª e 3ª mãos. As forças vegetaram ou viçaram simplesmente; não se cristalizaram nem plasmaram os habitantes que continuavam afluindo da Europa, sentindo-se "desterrados" aqui.

Isso não mudou muito depois da conquista da independência. Houve alguns contatos com o resto do mundo, algumas guerras, como a do México contra os Estados Unidos; outras entre países latino-americanos mas com exceção da primeira, não chegaram a constituir "história". Eram apenas "acontecimentos" que não plasmaram as nações, não marcaram o caráter nem a índole dos povos. Estes mal despertaram do seu sonho secular. Nenhuma consciência no povo, nenhuma perfilação histórica, nada daquela "unidade" que marca as comunidades étnicas ao longo da sua história.

Nada também de "próprio". Mesmo depois da independência só lentamente nasceu em nossos países uma consciência de nós próprios. E mesmo em nossos dias ainda estamos pouco adiantados nesse processo. Existe muitas vezes um nacionalismo ou um regionalismo sentimental, mais ou menos artificial, mas poucos são os indivíduos latino-americanos com a nítida autoconsciência: nós, isto é, o meu país e eu, como membro dele, somos "alguém".

Acabo de falar em "nós", habitantes da América Latina mas quem somos afinal NÓS? Com que direito nos advogamos a prerrogativa de pretendermos ser representantes desses povos?

Isso leva a uma série de perguntas importantes que exigem uma conscientização cada vez maior, e a última pergunta será esta: a quem se destina, em última análise, a Antroposofia na América Latina?

Então, quem somos?

- Os brancos, descendentes de outros povos não-autóctones, uma mistura de raças e de

povos que só a partir do começo do século XIX começaram a ter consciência de pertencer a um organismo político e social novo e autônomo?

- Os índios, que em algumas partes tinham chegado a um nível notável de civilização, enquanto em outros permaneciam no nível do homem pré-histórico não ultrapassando o nomadismo da Idade da Pedra? Esses índios têm hoje uma existência totalmente marginalizada em alguns países como o Brasil. Em outros sua participação é ativa na vida cultural; em alguns, formam um miserável proletariado social e cultural; em outros ainda, inexistem totalmente, pelo menos para fora.

- E qual o papel dos negros, por exemplo no meu país, onde sua presença numérica é grande e onde, pelo menos indiretamente, suas características se fazem sentir constantemente desde a arte culinária até a religião e a arte?

Podemos simplesmente ignorar a realidade desses fatos? Podemos orgulhosamente decretar: os Latino-Americanos são brancos? Ou pior ainda: A Antroposofia não se dirige a índios ou negros?

Nesta altura convém lembrar alguns fatos significantes:

Em vários países latino-americanos, o elemento índio através da mestiçagem, está presente de forma notável. Grandes homens, desde Astúrias até Machado de Assis, toda uma camada extremamente valiosa e representativa, é de autênticos produtos e representantes de uma civilização baseada na pluralidade das raças. Em muitos países, a juventude branca se sente orgulhosa de abolir as barreiras raciais e de acolher o que há de bom também nas raças não-brancas.

Cabe aqui um parêntesis: mesmo onde a população é aparentemente branca, a "presença" latente do índio é sentida pelos espíritos mais sutis e mais sensíveis. Os maiores escritores e artistas argentinos como por exemplo Sabato e Cortázar, afirmam categoricamente que a antiga mestiçagem deixou traços indelévels na mentalidade e na maneira de ser dos brancos, mesmo se as características étnicas exteriores e visíveis foram apagadas no decorrer das gerações, por mecanismo genético baseado nos mistérios das leis de Mendel.

Não é apenas a coexistência e a integração maior ou menor das raças que marcam o homem latino-americano. Carregamos todos o fardo e a culpa, na medida em que somos brancos, de um dos maiores crimes da história universal: o extermínio consciente e programado de civilizações inteiras, um genocídio bárbaro e, pior ainda, a transformação intencional, durante séculos, de povos evoluídos num proletariado social, escravizado, condenado à ignorância, privado dos bens da civilização, vítima da espoliação, de doenças, de maltratos físicos e psíquicos. Imaginem a culpa dos europeus que, desde a descoberta, reduziram ao estado de animais famintos e alcoólatras seres humanos que outrora tinham, em parte, atingido níveis elevados de cultura.

### ILUSTRAÇÃO 3: CAIÇARAS DO NORDESTE

Meus senhores, essa história das colônias latino-americanas talvez seja o caso mais

gritante de uma culpa coletiva para com um povo inteiro. Se o conceito de karma coletivo, o karma dos povos, tem um sentido, é aqui que devemos procurá-lo em primeiro lugar. E surge a pergunta angustiante: o que pode, o que deve ser a Antroposofia num continente que carrega esse fardo? A pergunta é válida para os brancos, e o é para o elemento índio, principalmente diante do problema cada vez mais atual da mestiçagem, quer dizer, de uma civilização futura baseada na fusão das raças.

Essa situação kármica se acha ainda mais complicada por uma circunstância mencionada, de passagem, por Rudolf Steiner:

“Não se pode negar o karma coletivo do lado dos conquistadores brancos e dos povos por eles exterminados ou escravizados. Tampouco se pode negar a situação kármica individual de todos os indivíduos que faziam parte dessas duas correntes mas podemos perguntar: onde estão as almas desses indivíduos, ou de pelo menos, parte deles?”

A essa pergunta, Steiner dá uma rápida resposta nas conferências de 6 e 9 de janeiro de 1921 (Stuttgart,.GA 203):

As almas desses índios americanos (Steiner não fala, em especial, de índios norte-americanos, mas dos índios exterminados pelos europeus em geral) vivem "atualmente", isto é, no começo do século XX, na Europa Ocidental e Central, até a Rússia. E ele diz que uma grande parte da população europeia tem essa origem, deixando bem claro que se trata das almas dos índios nos séculos da conquista.

A título de curiosidade, eu gostaria de acrescentar o que Steiner diz no mesmo lugar sobre os habitantes atuais da América. Outra vez, ele não diz América do Norte, mas fala da América materialista do nosso tempo. E quem de nós não terá a sensação de que também a América Latina, embora de forma diferente, seja repleta de impulsos materialistas? — pensemos apenas na mentalidade colonizadora e neo-colonizadora da nossa época. Pois bem, muitas dessas almas americanas atuais tiveram uma encarnação prévia na Ásia e na África, na época do cristianismo primitivo mas sem participar do cristianismo. Era uma encarnação imbuída de alta espiritualidade embora um pouco degenerada.

Não lhes conto essas revelações de Steiner para elucidar o nosso problema pois elas apenas abrem novas perspectivas angustiantes. Será que nós, europeus imigrantes de 2ª ou 3ª geração, temos relações kármicas com os próprios índios, podendo até ser reencarnações de tais índios? Que conclusões tirar disso para nossa tarefa como antropósofos? Que podemos, que devemos fazer para arcar com esse karma que se apresenta como uma culpa coletiva?

Isso implica numa tomada de posição perante estas perguntas: devemos estar a favor da mestiçagem não sendo esta considerada como simples promiscuidade ou mescla de raças mas como uma meta ética e positiva do ponto de vista cultural? Será que uma Antroposofia corretamente compreendida não tem tarefas específicas nesse sentido? Pode a Antroposofia ser simplesmente usufruída por uma classe privilegiada de europeus ou seus descendentes, sem consideração às prementes necessidades de largos grupos éticos aviltados por essa mesma classe?

O antropósofo latino-americano não deve esquecer outra premissa importante da sua existência: ele vive — isso se aplica em todos os casos à parte ocidental do continente — numa região da terra que é caracterizado pela predominância de forças "de morte".

O culto dos pássaros do tipo "águia" em grande parte das civilizações índias, em oposição ao culto do "touro" e do "leão" em outras regiões da terra, aponta para a predominância, no organismo humano, do sistema neurossensorial, isto é, dos sentidos físicos e do intelecto. Talvez se possa explicar por esse fenômeno, a melancolia e a falta de vitalidade das altas civilizações índias, assim como as cosmovisões e toda a maneira de ser de quase todos os índios. Esse fenômeno resulta de uma geografia das forças etéricas ainda pouco estudada. Todo o trabalho antropológico consciente deveria levá-la em conta.

Depois dessas considerações de ordem geral, passo a abordar agora diversas influências que têm contribuído para formar o clima espiritual atual da América Latina. Em um outro país pode ter faltado uma ou outra delas; outrossim, como já disse, tenho que limitar-me ao essencial. Nem todas essas influências tiveram igual penetração nas grandes massas; ao contrário, da mesma forma como costuma acontecer em países europeus, muitas correntes espirituais têm atingido primeiro as camadas mais cultas e evoluídas, ou simplesmente "privilegiadas" para, a partir daí, permear o resto da população até finalmente constituir o "clima" espiritual de toda a comunidade.

Como já disse, os conquistadores encontraram em várias regiões, civilizações altamente evoluídas que se podem comparar de longe, com as culturas da antiga Mesopotâmia e do Egito, embora não tivessem chegado a ter uma escrita evoluída. Não vou entrar em detalhes dessas culturas, basta dizer que foram exterminadas com a maior brutalidade, não sem a conivência da Igreja Católica. Essas civilizações não deixaram vestígios visíveis na cultura criada pelos invasores. Podemos dizer que não deixaram nenhum vestígio? Será que o espírito dos Maias, dos Incas, dos Astecas e Toltecas deixou de pairar nos respectivos países, não obstante a civilização europeia importada, não obstante o catolicismo e a ciência moderna? E será que tal presença oculta, latente, e às vezes ameaçadora, se faz sentir hoje em dia apenas nas almas dos índios ou mestiços, ou será que existe em todos, inclusive nos europeus qual uma nuvem espiritual? Deixo aí a pergunta.

Em outras regiões, os índios viviam num estado que pareceu aos conquistadores como paradisíaco. Seja como for, estes fizeram com que a expulsão dos índios desse paraíso fosse sumária.

Se passamos agora a considerar os invasores, pode ser que suas viagens tivessem originalmente motivos nobres e profundamente espirituais. Se assim era, estes ideais não duraram muito tempo. Em poucos anos e durante muitos séculos, a mentalidade reinante era uma só: espoliar os países recém descobertos e acumular riquezas com o menor esforço possível.

Essa era a atitude de cada indivíduo, essa era a política oficial da Espanha e de Portugal: todos cobiçavam apenas poder e bens materiais.

Procurem os senhores imaginar o que significa o predomínio quase que exclusivo dessa mentalidade, dessa obsessão de enriquecer custe o que custar, desconhecendo as tradições, respeito e moralidade, procurando o gozo fácil, usando a força brutal, dando livre curso a todos os instintos.

Duas forças apenas procuraram controlar e amenizar essas tendências. Uma era a hierarquia administrativa instituída pela coroa para limitar os piores abusos, no maior interesse da coroa como suprema espoliadora. A outra era a Igreja. Se bem que estivesse

conivente em muitos assuntos, e que motivos, tudo menos que altruístas e humanos, os movessem, em geral a política, a justiça pede que se reconheça o abnegado trabalho missionário e educador realizado pelos padres e pelas ordens religiosas. O cristianismo teve uma expansão ampla e irresistível embora sob formas tão primitivas, e recorrendo a técnicas de persuasão tão reprováveis, que dificilmente se pode falar em autêntico espírito cristão. No entanto, uma obra educacional imensa acompanhou esse zelo proselítico dedicado aos índios e aos brancos.

Coube um papel de destaque aos jesuítas. Devemos reconhecer e admirar essa obra sem esquecer contudo a inspiração mais profunda do impulso da Sociedade de Jesus. Em todos os países, esta conseguiu uma posição de poder incontestável, seja pela sua própria riqueza, seja pela influência mental sobre os destinos das colônias, influência que se fazia diretamente "in loco", ou de forma mais sutil, através do poder central das metrópoles. Convém destacar nesta altura, as chamadas missões ou "reduções jesuíticas", principalmente aquela do Paraguai, onde enormes territórios ocupados apenas por índios seminômades, foram colonizados e administrados por um punhado de padres jesuítas sem a presença dos poderes temporais que normalmente administravam as colônias. Essas "reduções", num regime de quase comunismo e sem opressão dos indígenas, alcançaram níveis notáveis de organização democrática, de bem-estar social, de higiene, cultura, produção agrícola e artesanal e de atividades artísticas. Na medida em que os jesuítas perderam seu prestígio e seu poder nas pátrias ibéricas, foram também expulsos das suas "missões", e estas foram ocupadas pelas forças militares e administrativas comuns, com grandes prejuízos para os pobres índios.

Sem esquecer o que havia de negativo nessas comunidades jesuíticas sobre as quais

Steiner fala numa palestra de 9 de maio de 1916 (GA 167/IX), elas constituem, sem dúvida, um dos raros pontos luminosos na cruenta história da colonização hispano-portuguesa.

Não esqueçamos, todavia, que a enorme repercussão de todo o trabalho dos Jesuítas teve, por consequência, uma desespirtualização do cristianismo cujo conteúdo crítico passou para o segundo plano devido à ênfase dada ao homem Jesus e ao programa de religiosidade terrena militante da Sociedade de Jesus.

A costumeira exploração dos índios foi complementada, na medida em que essa mão-de-obra gratuita começou a escassear devido à mortalidade e às doenças trazidas pelos colonizadores, pela importação maciça de milhões de escravos negros. Começou assim um dos capítulos mais brutais e inglórios da história da humanidade. Num comércio internacional altamente lucrativo, os indígenas da África foram caçados e embarcados como gado nos porões pestilentos dos navios negreiros. O lucro auferido pela venda dos que sobreviviam, compensava a perda por morte ou doença do resto da "mercadoria" que se costumava, simplesmente, jogar ao mar.

A falta de respeito ao ser humano como tal, foi uma das consequências mais nefastas dessa exploração. E como que para acalmar as consciências, discutiu-se durante muitos anos, em altos escalões da Igreja, se índios e negros deviam mesmo ser considerados como seres humanos iguais aos brancos.

**ILUSTRAÇÃO 4: COSTA ORIENTAL**

Será que algo deste outro fardo histórico-espiritual não estará presente na formação mental e psíquica do homem latino-americano?

A influência religiosa da Igreja e a prepotência dos governos centrais foram solapadas no século XVIII pela propagação das ideias do Iluminismo, avidamente absorvidas pela juventude intelectual. A abertura se fez ainda maior quando chegaram, depois dos panfletos filosóficos da época, as notícias da Guerra de Independência dos Estados Unidos e da Revolução Francesa.

Pela primeira vez, autênticas ideias e ideais passaram a captar a atenção e o entusiasmo dos melhores elementos.

Ao mesmo tempo, a Maçonaria, arauto do liberalismo e da independência, espalhou-se de forma extraordinária. Não vou entrar nos méritos desse movimento nem investigar até que ponto a libertação dos povos latino-americanos fazia concretamente parte do programa de ação das lojas maçônicas na Europa, principalmente na Inglaterra. Os senhores conhecem as guerras de libertação que sacudiram a América Latina, do México até a Argentina. Todos os líderes da independência: Bolívar, San Martín, O'Higgins, Iturbide, José Bonifácio e outros, eram maçons e certamente receberam inspirações e ajuda material do movimento maçônico de além-mar.

Convém acrescentar que durante todo o século XIX, e até hoje, a maçonaria teve em muitos países latino-americanos um papel de destaque. Um certo anticlericalismo, um espírito democrático e um fácil entusiasmo por grandes ideais de confraternização, talvez fossem uma consequência dessa impregnação com postulados maçônicos. Seja-me permitida a observação, um tanto irônica e maliciosa, de que esse ufanismo certamente não conseguiu realizar um casamento feliz com o sólido e cínico egoísmo dos poderosos, herança da época colonial.

O racionalismo filosófico e maçônico, reação contra a prepotência secular do poder central, da Igreja e dos seus representantes nas colônias latino-americanas, abriu o campo para outro poderoso movimento espiritual que chegou a assumir, pelo menos no Brasil, feições de uma pseudo-religião: o positivismo de Auguste Comte ao qual se dedicou verdadeiro culto. Essa cosmovisão baseada num materialismo intransigente, e caracterizada em todos os seus aspectos pela maior pobreza mental, agitou os espíritos em busca da verdade, ao ponto de construir-se no Rio de Janeiro um templo positivista e de escolher-se, na elaboração da nova bandeira republicana brasileira, o lema "Ordem e Progresso", síntese do credo positivista. De outro lado, o racionalismo e o positivismo tiveram a consequência salutar de desviar os interesses da inteligência latino-americana, dos tradicionais assuntos acadêmicos e literários estéreis, para as ciências e para o estudo da realidade em que vivemos. Mas como toda a atitude extrema sempre gera seu oposto, vimos florescer na América Latina, em contraste com o positivismo, além de todas as formas de um catolicismo popularizado, movimentos místicos que passaram a ter, até o dia de hoje, uma influência profunda no panorama espiritual dos nossos países. Foram, em primeiro lugar, o espiritismo moderno à la Allan Kardec, e no campo religioso, movimentos pentecostais de todos os tipos. Foram principalmente, e isso numa escala cada vez mais assustadora, cultos pagãos de origem índia e africana. Não quero estender-me aqui sobre esses cultos mágicos que mobilizam em seus adeptos, forças inconscientes. Vestidos de uma roupagem cristã, esses cultos mediúnicos têm, pelo



menos no Brasil, uma influência enorme porque vêm ao encontro de um anseio generalizado de transcender a pobreza da explicação materialista e mecanicista do nosso universo, ensinada pela ciência moderna. Esses espiritualismos do tipo voo-doo, candomblé, umbanda, etc. somam no Brasil milhões de adeptos, e atingem um público, não apenas de origem africana, mas em número crescente, de descendência europeia inclusive das classes médias e superiores, isto é, pessoas de uma certa instrução e chamadas a ocupar posições de responsabilidade social.

Acrescentemos a tudo isso as tentações de todas as formas de comunismo e socialismo, e teremos um quadro mais ou menos completo das correntes que, a partir do estrangeiro, têm moldado a mentalidade da gente latino-americana. Convém acrescentar que o comunismo latino-americano não é, em geral, o comunismo materialista científico e dogmático de Marx, Engels e Lenin, mas antes, um movimento de resistência à exploração do indivíduo e dos povos subdesenvolvidos, e de luta contra injustiças sociais e raciais. Seus seguidores são motivados emocionalmente, e os que habilmente manipulam as massas, não se dirigem à inteligência nem a um autêntico senso de justiça, mas aos instintos, às frustrações e, isto é evidente, à situação de profunda ignorância, miséria e exploração dos seres humanos.

As correntes espirituais que se têm manifestado existiram e existem também em muitos outros países. O que diferencia a situação latino-americana me parece ser o seguinte: primeiro essas correntes não "cresceram" organicamente mas foram importadas como algo pronto e, em geral, alheio à própria evolução da América Latina. Em segundo lugar: essa mesma evolução foi a histórica pois não percorreu um caminho de crescimento original e orgânico; faltou-lhe toda a produção de movimentos "próprios" que fossem a expressão de um gênio criador dos povos latino-americanos mas estes nem tinham ainda existência própria.

O quadro que procurei pintar do clima mental, que se poderia considerar como premissa para a Antroposofia na América Latina, não seria completo se não mencionasse também importantes correntes espirituais que não se têm feito sentir neste continente. Não devemos esquecer que a Ciência Espiritual Antroposófica tem uma história; ela possui precursores, e o próprio Rudolf Steiner não a criou do nada mas continuou toda uma evolução anterior, centrada na Europa e mais exatamente, nos países da Europa Central. Isso não significa, evidentemente, que a Antroposofia se destine exclusivamente a esses países. Ao contrário, ela é um movimento espiritual de toda a humanidade mas isso não exclui que certas premissas tenham que estar presentes para facilitar a sua introdução. Tendo nascido na Europa Central, a Antroposofia se fundou, em parte, no patrimônio espiritual dessa região, principalmente dos países de cultura germânica.

Uma das raízes espirituais em questão foi a antiguidade grega. A esse respeito, podemos constatar um fato interessante que mereceria um estudo mais aprofundado. Os países germânicos sempre apresentavam uma afinidade cultural pronunciada para com a antiga Grécia enquanto os países neolatinos tinham e cultivavam vínculos com a antiga Roma. Não pretendo fazer aqui uma análise das diferenças fundamentais entre essas civilizações mais ou menos simultâneas. Basta dizer que o raciocínio prático e impessoal dos romanos, seu espírito formalista e abstrato vieram a predominar na França, na Itália e nos países ibéricos, enquanto os alemães, holandeses e ingleses se sentiam de preferência atraídos pelas ideias filosóficas e pelos ideais estéticos dos gregos, onde estava sempre presente e atuante uma consciência mais ou menos nítida da existência

de um mundo espiritual, e de uma espiritualidade que permeava o nosso mundo ambiente. Não quero generalizar, mas parece-me que o enfoque da antiguidade grega, realizado por um Klopstock, um Winckelmann, um Lessing, um Goethe, um Schiller, um Hölderlin, um Burchhardt ou um Nietzsche tinha que acontecer em países alemães. O conceito de classicismo alemão é incogitável sem os gregos, "Gymnasium" na cultura alemã. Em compensação, a arte e o pensar dos neo-latinos mostra uma predominância de Roma. Sentimos algo do antigo espírito romano, centralista e racional, na cultura de um Luiz XIV, em Camões, Gôngora, Racine, Corneille, Boileau, Descartes, Voltaire, Diderot, David.

Ora, tratando-se de colônias da Espanha e de Portugal, isto é, de dois países tipicamente inspirados pela cultura de Roma, a América Latina nunca sentiu realmente a influência da antiga cultura grega, pois não se pode considerar como tal, a citação ocasional e puramente formal de certas figuras ou acontecimentos da mitologia ou história gregas.

Outro elemento ausente nas culturas espanhola e portuguesa é o autêntico amor à natureza; a vivência íntima e sentimental da natureza e das estações do ano. A vida humana vivida em suas afinidades e relações íntimas com a natureza, a veneração das suas forças misteriosas e divinas, o sentimento cheio de carinho e de admiração diante das suas obras, eis uma mentalidade tipicamente norteeuropeia.

Nas civilizações neolatinas, a natureza não gerou vivências profundas mas tornou-se apenas um motivo literário, um pano de fundo artificial qual um cenário de teatro. Isso não é um julgamento de valor, pois as culturas neolatinas tinham, em compensação, características que faltavam aos europeus do norte, por exemplo, a psicologia!

Seja como for, a natureza era, para os conquistadores ibéricos, apenas um objeto de exploração e uma fonte de riqueza. Era um elemento hostil que devia ser vencido e submisso ao homem. Em vez do camponês europeu enraizado desde gerações em sua gleba, temos o latifundiário latino-americano que não tem nenhuma relação pessoal com suas terras, as quais, aliás, mal conhece. Ele as explora através de massas anônimas de colonos ou escravos, ele a maltrata sem se preocupar com a saúde, a vida, com as intimidades do solo. Em vez de colaborar com a natureza, ele a combate: a maximização do rendimento a curto prazo é sua única preocupação. Com a industrialização da lavoura através do uso de máquinas e processos químicos, com a brutalidade das monoculturas que visam apenas a comercialização quantificada, a natureza e o homem ficaram totalmente alienados um do outro, e a natureza amiga nunca foi um componente da vida anímica do homem.

As civilizações coloniais e pós-coloniais eram, aliás, civilizações urbanas. Faltava na América Latina o fluxo constante dos melhores impulsos humanos a partir da vida no campo, esse "Bauernstand" (camponeses) como fonte sadia e inexaurível de uma seiva humana.

Sem esse profundo entrosamento na natureza, dois fenômenos de primeira grandeza, ambos preparatórios para a Antroposofia, não puderam nascer. Um deles é tudo o que se pode chamar de Goetheanismo; o outro é o Romantismo Alemão como movimento poético e filosófico.

A obra de Steiner iniciou-se por um profundo estudo do goetheanismo: ela se baseia numa identificação total com ele, não quero repetir fatos conhecidos de todos os

presentes.

Goethe como cientista, Goethe como pensador, Goethe como polo oposto ao materialismo ralo do séc. XIX, eis o principal fundamento sobre o qual Steiner construiu sua obra.

Ora, Goethe como cientista, pensador e filósofo era e continua sendo totalmente desconhecido dos cientistas e, evidentemente, do grande público na América Latina. Não se pode imaginar a Antroposofia sem Goethe, ou melhor, sem uma mentalidade que seja capaz de fazer sua, a atitude do Goetheanismo. Como essa base falta totalmente na América Latina, todo o trabalho antroposófico entre latino-americanos deve ser precedido ou, na melhor das hipóteses, acompanhado por um trabalho preparatório imenso: o despertar de uma compreensão do que é o Goetheanismo.

No que se refere ao Romantismo, quero deixar de lado seus aspectos puramente poéticos para dar ênfase aos grandes filósofos, principalmente Fichte e, sobretudo, Schelling!

Espoliados do seu espírito romântico, da sua espiritualidade impregnada pelo pensamento de Jakob Boehme, Paracelso, Swedenborg e dos teósofos alemães dos séculos XVII e XVIII, as ideias desses filósofos foram apresentadas no ensino de filosofia na América Latina como algo artificial, doentio e cheio de fantasia irrealista, e não podia ser de outra forma, pois seus impulsos não podiam ser compreendidos num ambiente tão diferente e despreparado como era a América Latina.

Uma exceção parece ser constituída pelo Krausismo, ou seja, as doutrinas do filósofo alemão Krause, admirador e discípulo de Schelling e que introduziu as ideias deste na Espanha donde passaram para a Argentina. Na realidade, as ideias profundamente cristãs do velho Schelling foram totalmente deturpadas por Krause e apresentadas de forma contrária a ele, ou seja, como ateísmo e teosofismo anticlerical aliado à maçonaria. Ora, Steiner vê justamente em Schelling um dos grandes arautos de uma ciência espiritual cristã e moderna, síntese de filosofia, ciência, arte e religião (Vom Menschenrätsel, 1916). Evidentemente não posso dizer que todo o europeu que vem a conhecer a Antroposofia se ache preparado para tal por um conhecimento profundo de Schelling. Não se trata disso. Todavia não é exagerado dizer que algo dessa herança romântica, Goetheana, Schellingiana, ainda está pairando no ar e faz parte do clima espiritual da Europa Central. Até quando, não sei. O fato é que Steiner, em suas obras de fundamentação da Antroposofia, dirigindo-se a um público medianamente culto, falava constantemente de Goethe, de Schelling e dos outros que, de uma forma ou de outra, podem ser considerados como precursores.

Como antropósofos ansiosos de conhecer as perspectivas da Antroposofia na América Latina, devemos ter bem consciente que uma parte importantíssima das premissas sobre as quais Steiner construiu a Ciência Espiritual Antroposófica, simplesmente não existe por estar quase que totalmente desconhecida na vida espiritual deste hemisfério.

Cumprindo minha promessa, expus aos Senhores alguns fatos e pensamentos cuja gravidade salta os olhos. Poderia parecer que, com tantas diferenças e lacunas, a América Latina não fosse um campo propício para a Antroposofia. Por isso não quero terminar sem um último capítulo no qual pretendo dizer-lhes, com o mesmo peso e com a mesma consciência, a minha fé nas possibilidades e na necessidade da Antroposofia

para a América Latina. Minha palestra tinha um caráter histórico e de retrospectiva. Permitam-me tirar pelo menos algumas conclusões relativas ao presente. Minha convicção inquebrantável é que a Antroposofia se destina a todos os homens. Todo o ser humano da nossa época precisa dela, Steiner o disse em inúmeras ocasiões. Pode haver falta de premissas, pode haver constelações históricas hostis mas é incontestável que todos nós, europeus, asiáticos, norte e latino-americanos, etc. somos cidadãos do mesmo planeta e participamos de uma mesma corrente, aquela do 5º período pós-atlântico. Todos nós somos chamados a desenvolver a alma da consciência e a realizar o grande impulso que deveria permear toda a humanidade: o impulso micaélico.

Deixem-me, então mencionar em breves palavras, algumas ideias que me parecem oportunas na síntese do nosso problema atual. Não há dúvida de que o trabalho antroposófico, e o fato de se ser antropósofo, constituam na América Latina uma tarefa e um desafio maiores do que, por exemplo, na Suíça ou na Holanda.

Exigem atitudes e soluções diferentes mas isso requer apenas coragem e criatividade maiores. A Antroposofia não é uma receita e não segue receitas. O problema "Antroposofia na América Latina" exige, de início, uma conscientização maior mas isso certamente não é um defeito.

#### ILUSTRAÇÃO 5: BABAÇUAIS

O latino-americano deve despertar — e já o fez em larga escala — para o fato de que devemos criar algo próprio, tanto na cultura geral como na Antroposofia em particular. Não somos nenhuma dependência da Europa ou dos Estados Unidos, também como deixamos de ser um apêndice da Espanha e de Portugal.

Isso abre muitas perguntas de caráter esotérico. Será que cada país latino-americano já tem seu arcanjo? Existem diferenças suficientes para fazer de cada país uma individualidade coletiva, distinta das outras? Será que há uma consciência nacional sadia? Talvez não esteja ainda terminado o processo de "encarnação" dos diversos arcanjos. Talvez ainda estejam, por assim dizer, planando acima dos diversos povos, esperando que o desenvolvimento dos indivíduos que compõem as várias nações, lhes permita permear e moldar o caráter típico para cada povo latino-americano, não obstante as suas raízes comuns e as mesmas influências que sofreram no passado e continuam sofrendo no presente.

O que não permite dúvida, é o fato de estar o arqueu da nossa época atuando sobre a América Latina como o faz no resto da terra. Esse impulso é de amplitude telúrica.